CAMILO CASTELO BRANCO
agrupamento de escolas

Referencial da Avaliação Pedagógica

AVALIAÇÃO FEEDBACK CRITÉRIOS TAREFAS

Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco – V.N- Famalicão

Autonomia e Flexibilidade CURRICULAR

2026/
2027

Índice

Capítulo I — Pag 03

Fundamentos e princípios da avaliação pedagógica

Capítulo II — Pag 04

Critérios de avaliação

Capítulo III — Pag 06

Técnicas e processos de recolha de informação

Capítulo IV — pag 06

Participação dos alunos

Capítulo V — pag 07

Sistema de avaliação

Capítulo VI — pag 08

Sistema de classificação

Capítulo VII — pag 9

Considerações finais

Referências — pag 11

"É importante envolver os alunos na sua aprendizagem, promovendo dinâmicas que os ajudem a aprender a aprender".
(Veiga, 2013)

Os Critérios de Avaliação do Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco (AECCB) fundamentam-se no projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica (MAIA) e promovem a reflexão crítica sobre a atuação pedagógica, nomeadamente no que diz respeito às práticas avaliativas, tendo como referentes as orientações e a filosofia do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) e dos DL. 54/2018 e 55/2018, de 6 de julho. Certamente, tem por finalidade "contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho" (LBSE, 1986). Responde, assim, aos anseios de toda a Comunidade Escolar que se revê nos princípios de uma escola mais inclusiva, participada e democrática.

A avaliação pedagógica contribui para a melhoria das aprendizagens, servindo de regulador do processo educativo. Tal facto induz as escolas e, em particular os professores, a reinventarem metodologias e estratégias pedagógicas, que levem os seus alunos a construírem e refletirem sobre as suas aprendizagens. As componentes formativa e sumativa são partes integrantes da avaliação pedagógica.

A avaliação formativa, avaliação *para as* aprendizagens, assume, portanto, um papel predominante, servindo para apontar caminhos quer ao aluno quer ao professor. O ato de aprender pressupõe, então, um aluno ativo e envolvido, que seja responsável e parceiro do professor na construção do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação formativa é uma avaliação de proximidade que pressupõe um *feedback* intencional e de qualidade. Este orienta e fornece uma noção clara do esforço para avançar na aprendizagem, apoiando o professor na construção de estratégias e tarefas adequadas às necessidades dos alunos.

A avaliação sumativa, avaliação *das* aprendizagens, permite classificar e certificar, a partir da recolha de informação, de forma a fazer um balanço pontual e final acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer. Para que seja de qualidade, a avaliação sumativa não se pode dissociar da avaliação formativa, na medida em que também pode ser usada com carácter formativo, de modo a contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Tal como advoga Domingos Fernandes, a avaliação, sendo apoiada nas recomendações decorrentes da investigação, assume os seguintes princípios:

- a avaliação é parte integrante dos processos de ensino e de aprendizagem;
- a avaliação precisa de ser consistente com a forma como se desenvolve o currículo na sala de aula;
- a avaliação formativa predomina na sala de aula, tendo em vista a melhoria das aprendizagens;
- a avaliação formativa e a avaliação sumativa devem ser articuladas, tendo em conta as funções que cada uma desempenha num sistema educativo que se pretende inclusivo;

- a avaliação tem de ser transparente e, por isso, os alunos e os outros intervenientes no processo de avaliação deverão conhecer bem os conteúdos, os processos e os Critérios de Avaliação do Agrupamento (CAA), por forma a participar ativamente no seu desenvolvimento.

A avaliação não se pode limitar à participação dos alunos e do professor. Por esta razão, é necessário que nela participem os pais/encarregados de educação, outros professores, técnicos de educação, entre outros.

As estratégias, as técnicas e os processos de avaliação devem ser diversificados, uma vez que não há qualquer abordagem que, por si só, seja adequada para todas as situações de ensino e aprendizagem.

Segundo o mesmo autor, "A avaliação pedagógica é, por natureza, subjetiva e este facto incontornável não impede que ela produza resultados rigorosos, úteis, justos e com real significado." Assim, uma das formas para garantir o rigor de qualquer avaliação, seja formativa, seja sumativa, é o uso de processos de recolha de informação os mais diversificados possível. Estes processos devem ser escolhidos de forma a concretizar os CAA.

Os CAA desempenham um papel fundamental para a compreensão e construção do conhecimento, na sequência da sua passagem do abstrato para o concreto, ou seja, quando se traduzem em descritores de desempenho. Estes, por sua vez, deverão ser objetivos, observáveis e mensuráveis, de forma a serem entendidos por alunos, pais/encarregados de educação e por todos os interessados no processo educativo.

Os Critérios de Avaliação do Agrupamento constituem um referencial para a Comunidade Educativa, em particular, para alunos e professores. Por um lado, o aluno traçará o seu percurso, consciente do que se espera dele, e poderá realizar a sua autoavaliação de forma crítica e construtiva, no sentido da melhoria, a nível das várias áreas de competência. Por outro lado, o professor terá ao seu alcance informação mais precisa e rigorosa, que o levará a uma reflexão e a uma análise da situação, e das necessidades de cada aluno, com a finalidade de distribuir *feedback* de elevada qualidade, no sentido de "criar condições para que todos os alunos possam aprender", conforme defende Domingos Fernandes.

Capítulo II - ***CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO AGRUPAMENTO (CAA)***

No quadro da legislação em vigor, os CAA:

- têm em conta o (PASEO), as Aprendizagens Essenciais (AE)/Programas Curriculares (PC), o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) e os demais Documentos Curriculares;
- integram descritores de desempenho em consonância com o PASEO e as AE/PC;
- são transversais a todos os ciclos e a todas as disciplinas;
- traduzem a importância relativa a cada um dos domínios e temas de cada disciplina;
- são operacionalizados pelo Conselho de Turma.

Face ao exposto, definem-se os seguintes critérios de avaliação para o AECCB.

Critérios de Avaliação	NÍVEIS DE DESEMPENHO			
	A	**B**	**C**	**D**
CONHECIMENTO E COMUNICAÇÃO	▪ Lê, sempre ou quase sempre, com fluência. ▪ Interpreta, sempre ou quase sempre, corretamente informação de várias tipologias. ▪ Expressa-se, sempre ou quase sempre, corretamente, utilizando terminologia específica adequada aos diferentes contextos. ▪ Demonstra, sempre ou quase sempre, capacidade de pesquisa, de seleção, de análise e de representação de informação. ▪ Compreende, sempre ou quase sempre, os conceitos, os processos e/ou os fenómenos científicos e tecnológicos.	▪ Lê, frequentemente, com fluência. ▪ Interpreta, frequente e corretamente informação de várias tipologias. ▪ Expressa-se, frequentemente, com correção, mas nem sempre utiliza terminologia específica adequada aos diferentes contextos. ▪ Demonstra, frequentemente, capacidade de pesquisa, de seleção, de análise e de representação de informação. ▪ Compreende, frequentemente, os conceitos, os processos e/ou os fenómenos científicos e tecnológicos.	▪ Por vezes, lê com fluência. ▪ Por vezes, interpreta, corretamente informação de várias tipologias. ▪ Por vezes, expressa-se corretamente, mas nem sempre utiliza a terminologia específica adequada aos diferentes contextos. ▪ Por vezes, demonstra capacidade de pesquisa, de seleção, de análise e de representação de informação. ▪ Por vezes, compreende, os conceitos, os processos e/ou os fenómenos científicos e tecnológicos.	▪ Raramente, lê com fluência. ▪ Raramente, interpreta corretamente informação de várias tipologias. ▪ Raramente se expressa corretamente e raramente utiliza a terminologia específica adequada aos diferentes contextos. ▪ Raramente, demonstra capacidade de pesquisa, de seleção, de análise e de representação de informação. ▪ Raramente, compreende os conceitos, os processos e/ou os fenómenos científicos e tecnológicos.
REFLEXÃO E APLICAÇÃO	▪ Coloca, sempre ou quase sempre, questões pertinentes. ▪ Relaciona e articula, sempre ou quase sempre, ideias complexas, abstratas e/ou criativas. ▪ Aplica, sempre ou quase sempre, com correção e/ou criatividade, os conhecimentos em novos contextos. ▪ Analisa, sempre ou quase sempre, com sentido crítico os resultados obtidos/trabalhos produzidos. ▪ Executa, sempre ou quase sempre, com correção as atividades não-locomotoras, locomotoras e manipulativas.	▪ Coloca, frequentemente, questões pertinentes. ▪ Relaciona e articula, frequentemente, ideias complexas, abstratas e/ou criativas. ▪ Aplica, frequentemente, com correção e/ou criatividade, os conhecimentos em novos contextos. ▪ Analisa, frequentemente, com sentido crítico os resultados obtidos/trabalhos produzidos. ▪ Executa, frequentemente, com correção as atividades não-locomotoras, locomotoras e manipulativas.	▪ Por vezes, coloca questões pertinentes. ▪ Por vezes, relaciona e articula, ideias complexas, abstratas e/ou criativas. ▪ Por vezes, aplica, com correção e/ou criatividade, os conhecimentos em novos contextos. ▪ Por vezes, analisa com sentido crítico os resultados obtidos/trabalhos produzidos. ▪ Por vezes, executa com correção as atividades não-locomotoras, locomotoras e manipulativas.	▪ Raramente, coloca questões pertinentes. ▪ Raramente, relaciona e articula, complexas, abstratas e/ou criativas. ▪ Raramente, aplica, com correção e/ou criatividade, os conhecimentos em novos contextos. ▪ Raramente, analisa, com sentido crítico os resultados obtidos/trabalhos produzidos. ▪ Raramente, executa, com correção, as atividades não-locomotoras, locomotoras e manipulativas.
CIDADANIA E AUTONOMIA	▪ Define, sempre ou quase sempre, estratégias de aprendizagem, de forma autónoma, responsável e empenhada. ▪ Revela, sempre ou quase sempre, assertividade/coerência na autoavaliação, heteroavaliação e coavaliação. ▪ Interage, sempre ou quase, com o grupo de forma eficaz e aceita diferentes pontos de vista. ▪ Contribui, sempre ou quase sempre, para um bom ambiente no grupo/turma. ▪ Respeita, sempre ou quase sempre, a individualidade humana e a diversidade cultural.	▪ Define, frequentemente, estratégias de aprendizagem, de forma autónoma, responsável e empenhada. ▪ Revela, frequentemente, assertividade/coerência na autoavaliação, heteroavaliação e coavaliação. ▪ Interage, frequentemente, com o grupo e aceita diferentes pontos de vista. ▪ Contribui, frequentemente, para um bom ambiente no grupo/turma. ▪ Respeita, frequentemente, a individualidade humana e a diversidade cultural.	▪ Por vezes, define estratégias de aprendizagem, de forma autónoma, responsável e empenhada. ▪ Por vezes, revela, assertividade/coerência na autoavaliação, heteroavaliação e coavaliação. ▪ Por vezes, interage com o grupo, mas nem sempre aceita diferentes pontos de vista. ▪ Por vezes, contribui para o bom ambiente do grupo/turma. ▪ Por vezes, respeita a individualidade humana e a diversidade cultural.	▪ Raramente, define estratégias de aprendizagem, de forma autónoma, responsável e empenhada. ▪ Raramente, revela assertividade/coerência na autoavaliação, heteroavaliação e coavaliação. ▪ Raramente, interage com o grupo e raramente aceita diferentes pontos de vista. ▪ Raramente, contribui para o bom ambiente no grupo/turma. ▪ Raramente, respeita a individualidade humana e a diversidade cultural.

Os níveis de desempenho apresentados - A, B, C e D - estão ordenados do desempenho mais proficiente (A) para o desempenho menos proficiente (D).

Capítulo III – ***TÉCNICAS E*** PROCESSOS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Todo o processo de avaliação é imparcial, rigoroso e credível, sendo absolutamente necessário que a recolha de informação seja diversificada (Figura 1) e transparente. Recorrendo a processos de triangulação, conseguir-se-á lidar melhor com a diversidade de ritmos de aprendizagem e reduzir a margem de subjetividade inerente a qualquer processo avaliativo.

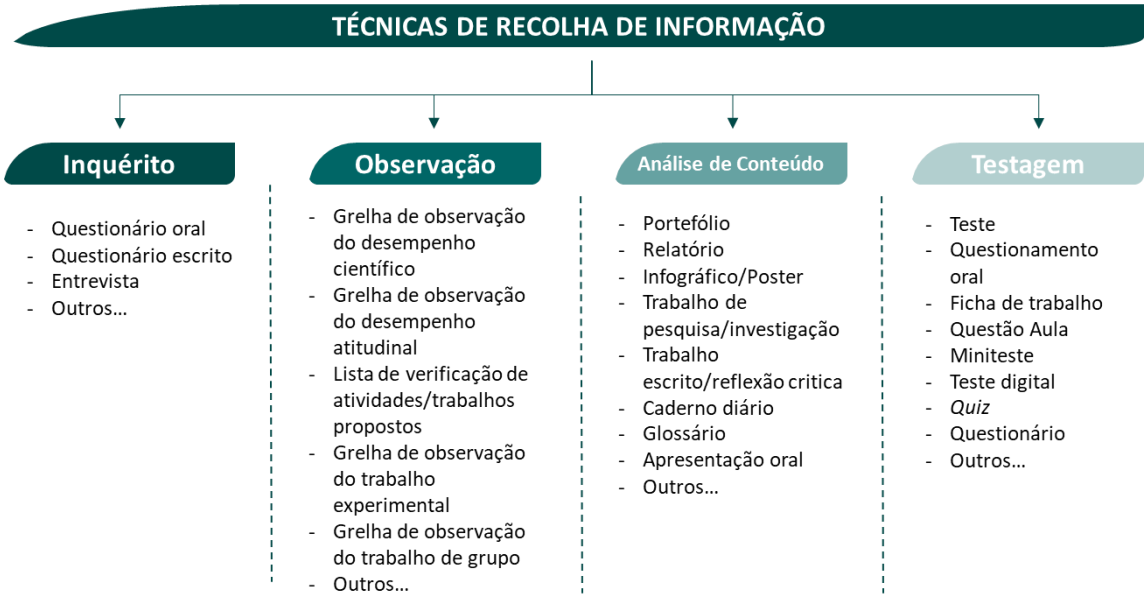


Figura 1. Técnicas de recolha de informação

A triangulação concretiza-se pela aplicação de, pelo menos, duas técnicas distintas de recolha de informação, por exemplo, um teste, um trabalho experimental ou uma apresentação oral. Neste sentido, não sendo possível avaliar tudo o que um aluno sabe e é capaz de fazer em determinado momento, o professor avalia amostras diferenciadas do seu desempenho. Esta triangulação também pode ser reforçada em sede de Conselho de Turma, através da partilha de informações recolhidas nas várias disciplinas para garantir uma visão holística do desempenho do aluno.

Capítulo IV - PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS

A avaliação pedagógica é um processo que pressupõe intencionalidade do professor e comprometimento do aluno no seu processo de aprendizagem. A corresponsabilização dos alunos requer a sua participação no processo avaliativo, designadamente através da autoavaliação. Em determinados contextos, é desejável promover ainda outras formas de avaliação, como a avaliação por pares e a coavaliação, promovendo a autorregulação das suas aprendizagens.

Partindo da ideia de que a motivação dos alunos e a motivação dos professores podem ser consideradas *faces de uma mesma moeda*, devem ser operacionalizadas estratégias que promovam a motivação, a participação e o envolvimento dos alunos, designadamente, assentes no diálogo efetivo na sala de aula. Assim, a participação dos alunos fica contextualizada num(a):

- *feedback* frequente, bem distribuído, diversificado e de qualidade;
- clarificação dos objetivos, critérios e resultados esperados;

- comunicação eficaz e interativa entre professor e alunos;
- cultura de avaliação transparente, positiva e orientada para o sucesso e a inclusão;
- articulação entre a didática e a avaliação pedagógica.

Este envolvimento dos alunos, em articulação com a informação dirigida aos pais/encarregados de educação, favorece a partilha sistemática de informações, o consequente envolvimento e a responsabilização dos vários intervenientes, no respeito dos direitos e interesses da Comunidade Educativa.

Capítulo V - SISTEMA DE AVALIAÇÃO

O sistema de avaliação apoiar-se-á, essencialmente, na avaliação formativa, devendo ocorrer durante os processos de ensino e de aprendizagem, com intencionalidade dos intervenientes. As práticas de avaliação formativa têm como estratégia central as **tarefas** que devem ser intencionais e diversificadas, de forma a operacionalizar todos os CAA e potenciar a triangulação da informação recolhida. Importa sublinhar que tarefas diversas permitem avaliar critérios distintos ao longo do ano letivo.

É da competência de cada Subdepartamento definir, no início de cada ano letivo, as ponderações dos diversos domínio/temas constantes nas AE de cada disciplina/ano.

Compete ainda a cada Subdepartamento, tendo em conta as AE/PC das disciplinas que o integram e os CAA (Figura 2), definir as tarefas a aplicar, salvaguardando os determinados princípios:

- as tarefas formativas precedem sempre uma tarefa sumativa;
- serão realizadas, pelo menos, três tarefas sumativas em cada período letivo/UFCD ou módulo, podendo este número ser alterado por decisão do subdepartamento, devidamente fundamentada;
- as disciplinas com organização semestral realizam, pelo menos, três tarefas sumativas por semestre;
- será distribuído, em cada tarefa formativa/sumativa, *feedback* de qualidade sobre as aprendizagens.

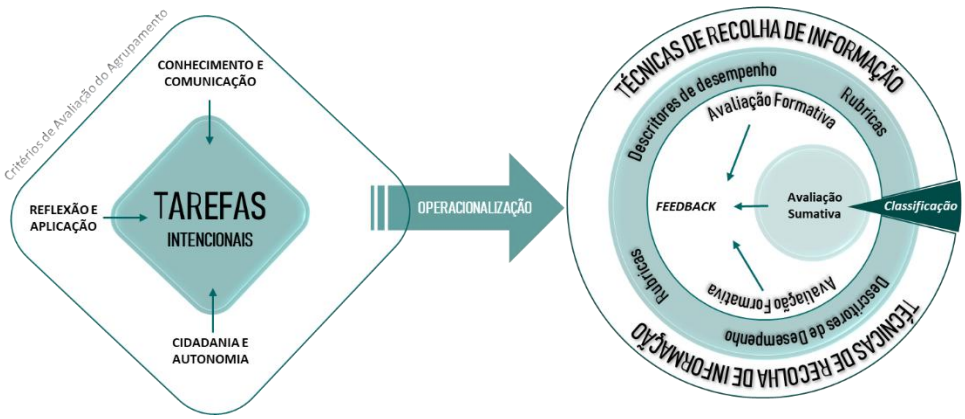


Figura 2. Sistema de avaliação

No momento da apresentação de uma tarefa, são clarificados os objetivos de aprendizagem, os domínios/temas e os CAA mobilizados, permitindo ao aluno saber aquilo que se espera do seu desempenho e desenvolver mecanismos de autorregulação das suas aprendizagens.

Salienta-se a importância das rubricas, por um lado, nos processos de recolha de informação, uma vez que estas correspondem a um conjunto coerente de critérios operacionalizados com descritores dos níveis de

desempenho, que se destinam a orientar os alunos na construção da sua aprendizagem. Por outro lado, permitem ao professor distribuir um *feedback* de qualidade.

O *feedback* de qualidade é sistemático, oportuno, eficaz e focado na tarefa, sempre com cariz construtivo, podendo ser distribuído de forma individual ou em grupo, por escrito ou oralmente. Assim, o professor estará a informar os alunos acerca daquilo que estes sabem e do que precisam saber fazer, com vista à sua melhoria.

Deste modo, contemplam-se as três dimensões de *feedback* (*feed up, feed back, feed forward*), essenciais à natureza predominantemente formativa da avaliação, integradas no processo de ensino e de aprendizagem.

Apresentado o sistema de avaliação, é imprescindível definir um sistema de classificação adequado à filosofia deste projeto.

Capítulo VI - SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

O sistema de classificação apoia-se na avaliação sumativa, e esta ocorre na sequência da avaliação formativa.

Quando se tratar de uma tarefa sumativa, após a sua aplicação, o professor procede à classificação de cada domínio avaliado. Esta classificação traduzir-se-á nas diferentes escalas, conforme o ciclo de ensino (Quadro 1).

No 1.º ciclo, utilizar-se-á a respetiva menção (Quadro 1).

Nos 2.º e 3.º ciclos e no ensino secundário, a classificação de cada domínio/tema será apresentada na unidade da respetiva escala (Quadro 1).

ESCALAS AVALIATIVAS			
1º, 2º e 3º Ciclos			Secundário
Menção	Escala (%)	Nível	Escala (valores)
Muito Bom	90-100	5	18-20
Bom	70 – 89	4	14 – 17
Suficiente	50 - 69	3	10 - 13
Insuficiente	0-49	1-2	1-9

Quadro 1. Escalas da expressão da avaliação sumativa

A classificação do(s) domínio(s), envolvidos numa tarefa sumativa:

- é baseada na avaliação do cumprimento dos descritores, contemplados e associados a cada critério de avaliação da tarefa, que operacionalizam os CAA;

- é registada no cabeçalho do processo de recolha envolvido, podendo, por decisão do subdepartamento, refletir as respetivas ponderações.

A atribuição da classificação final de período/ano obedece ao seguinte procedimento:

1.º cálculo da média aritmética das classificações obtidas em cada domínio nas tarefas realizadas;

2.º reflete as ponderações dos domínios/temas de cada disciplina definidas em subdepartamento.

Salienta-se que a classificação final alcançada é um indicador essencial para a formulação de um juízo global e a decisão sobre as aprendizagens realizadas pelos alunos, no qual deverá ser dado a justa valorização à evolução e condição do aluno. O juízo global emitido pelo docente será ratificado em sede de Conselho de Turma (Figura 3).

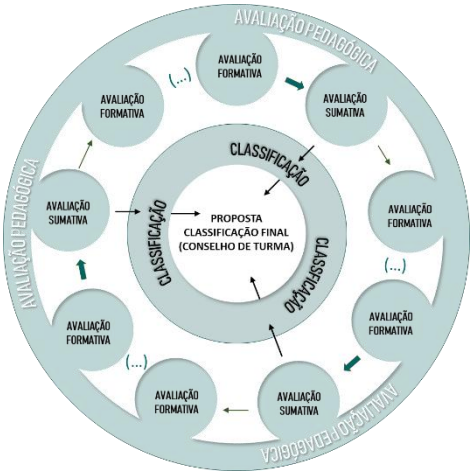


Figura 3. Sistema de Classificação

Capítulo VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os critérios de avaliação do agrupamento configuram um desafio, para toda a Comunidade Escolar deste Agrupamento, por procurar mudar práticas pedagógicas que contribuam para melhorar os processos de ensino e de aprendizagem.

Os Critérios de Avaliação do Agrupamento mantêm-se válidos, na eventualidade do ensino a distância. Neste contexto, propõe-se que:

- **i.** as tarefas sejam adaptadas para esse tipo de ensino;
- **ii.** a avaliação seja, predominantemente, formativa;
- **iii.** a duração das sessões síncronas não ultrapasse o tempo recomendado - no máximo, 30 minutos para o ensino básico e 45 minutos para o ensino secundário -, privilegiando as atividades assíncronas;
- **iv.** a gestão das tarefas atribuídas aos alunos seja articulada, regularmente, pelo Conselho de Turma.

Cada diretor de turma, professor titular de turma ou educador dá a conhecer aos encarregados de educação e aos alunos, no início do ano letivo, os Critérios de Avaliação de Agrupamento.

Cada docente informa os alunos sobre a planificação pedagógica da sua disciplina.

É da responsabilidade do Diretor a divulgação, junto da Comunidade Educativa, dos Critérios de Avaliação aprovados em Conselho Pedagógico.

A planificação pedagógica de cada disciplina/ano será disponibilizada na página de Internet do Agrupamento, em (htttp://aeccb.pt). e, para consulta ou fotocópia/impressão, na reprografia das escolas.

É criado um grupo de trabalho com a missão de acompanhamento e de monitorização da implementação dos Critérios de Avaliação, o qual é constituído pelos docentes que estiveram envolvidos no Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica (MAIA), sendo este grupo coordenado por um dos seus elementos, a Coordenadora da Equipa de Autoavaliação.

Documento aprovado no Conselho Pedagógico de 23 de setembro de 2020
Revisto no Conselho Pedagógico: 13 de janeiro de 2021; 21 de julho de 2021; 20 de julho de 2022, 24 de julho de 2023; 24 de julho de 2024; 24 de julho de 2025; 23 de julho de 2026.

REFERÊNCIAS

Black, P., & Wiliam, D. (2012a). *The reliability of assessments*. In J. Gardner (ed.), Assessment and learning (pp. 233-251). London: Sage Publications.

Black, P., & Wiliam, D. (2012b). Developing a theory of formative assessment. In J. Gardner (ed.), Assessment and learning (pp. 199-220). London: Sage Publications.

Fernandes, D. (s/d). *Avaliação Formativa*. Versão de Trabalho. Projeto MAIA. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação.

Fernandes, D. (s/d). *Avaliação Sumativa*. Versão de Trabalho. Projeto MAIA. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação.

Fernandes, D. (s/d). *Critérios de Avaliação*. Versão de Trabalho. Projeto MAIA. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação.

Fernandes, D. (s/d). *Rubricas de Avaliação*. Versão de Trabalho. Projeto MAIA. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação.

Fernandes, D. (2015). *Avaliar para aprender: desafios a enfrentar*. Comunicação na Escola Secundária da Ramada. setembro de 2015.

Hattie, J. (2012). *Visible learning for teachers: maximizing impact on learning*. New York: Routledge.

Machado, Eusébio André (s/d). *Feedback*. Versão de Trabalho. Projeto MAIA.

Stiggins, R. (2017). The perfect assessment system. Alexandria, VA: ASCD.

Wiliam, D. (2016). *Leadership for teacher learning: creating a culture where all teachers improve so that all students succeed*. Palm Springs: Learning Sciences International.